



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

RAFAELA KAROLINE GALDÊNCIO DE MOURA

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA E SUA
DISSEMINAÇÃO PARA A COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA: o caso da
AGECOM/UFRN**

**NATAL/RN
2014**

RAFAELA KAROLINE GALDÊNCIO DE MOURA

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA E SUA
DISSEMINAÇÃO PARA A COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA: o caso da
AGECOM/UFRN**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em cumprimento as exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Me. Francisco de Assis Noberto Galdino de Araújo.

**NATAL/RN
2014**

Catálogo da Publicação na Fonte.
UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Moura, Rafaela Karoline Galdêncio de.

Preservação da memória através da fotografia e sua disseminação para a comunidade universitária: o caso da AGEKOM/UFRN / Rafaela Karoline Galdêncio de Moura. – Natal, RN, 2014.

55f. : il.

Orientador: Prof. Me. Francisco de Assis Noberto Galdino de Araújo.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciência da Informação.

1. Biblioteconomia – Monografia. 2. Fotografia - Conservação e preservação – Monografia. 3. Memória institucional - Monografia. 4. Disseminação da informação - Monografia. 5. Instituição de Ensino Superior - Monografia. I. Araújo, Francisco de Assis Noberto Galdino de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 025.85

RAFAELA KAROLINE GALDÊNCIO DE MOURA

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA E SUA
DISSEMINAÇÃO PARA A COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA:
O caso da AGEKOM/UFRN**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em cumprimento as exigências legais requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: 04 /12/ 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco de Assis Noberto Galdino de Araújo (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Luciana Moreira Carvalho (Membro interno)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Pedro Alves Barbosa Neto (Membro interno)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dedico este trabalho aos meus pais Ana e Expedito, por me educarem e se esforçarem para que eu chegasse até aqui; aos meus irmãos Jasson e Ramon, que com dons de tamanha excelência, acreditaram que um dos meus sonhos se tornaria realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma forma de expressar a felicidade por meio de vários significados e sentidos. É ao mesmo tempo uma atividade um tanto complicada, por saber que muitas vezes, ao agradecermos publicamente, nossa mente falha e acabamos nos esquecendo de citar alguém. Porém, ao sentarmos na cadeira e transmitirmos os nossos pensamentos em uma tela de computador ou escrevermos a próprio punho, lembramo-nos dos vários percursos que a vida nos proporciona há tanto tempo. Neste ínterim, a conquista do sonho em ingressar na UFRN faz parte da minha realização pessoal, assim como a conclusão da graduação se deve a muitas ações e pessoas ao qual acreditaram que esse dia chegaria.

Em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado forças e discernimento no decorrer da trajetória acadêmica, assim como me mostrou que é possível superar as dificuldades do medo, da incerteza e do desânimo que, por muitas vezes foram encontradas. Sou grata a ele também por me fazer compreender coisas tão difíceis para a maioria, que para mim se tornavam fáceis; por ter me ajudado a dar conta do tempo em meio a tantas atividades e iluminar sempre o meu caminho, colocando pessoas especiais em minha vida.

Também agradeço a minha mãe Ana, pela mulher guerreira que sempre foi, por me encorajar a vencer os obstáculos da vida, me ouvir e entender nos momentos mais difíceis, por ser a responsável da brilhante ideia em escolher ingressar no curso de Biblioteconomia, ao qual posso dizer que não me arrependo desta escolha. Valeram todos os esforços nesta caminhada em conjunto. Ao meu pai Expedito, que mesmo com seu jeito reservado, sempre esteve presente, ensinando a mim e aos meus irmãos de que forma devemos nos portar em sociedade, assim como me auxiliou nas viagens aos eventos científicos através das idas em carro e muitas outras atividades realizadas. Agradeço imensamente a vocês pela confiança depositada em mim. Aos meus irmãos Ramon Fáverton e Jasson Samuel pelo companheirismo em todos os momentos, principalmente nas noites de sono durante a realização deste trabalho monográfico, pelas “brigas” terminadas em risadas e muitos outros momentos bons que me ajudavam a apagar da memória os tempos de estresse ao final de cada período letivo. Aprecio imensamente esses 2 moços como irmãos, músicos, designers e muitas outras qualidades que não seriam suficientes para descrever em algumas linhas. Meus sinceros agradecimentos.

Aos amigos da igreja Assembleia de Deus em Renascer, pelas orações, diálogos e apoio neste final de curso, em especial a minha coordenadora-chefe do Departamento Infantil Patricia Vanessa, que com sua paciência e amor tem me ajudado a trabalhar com as crianças; à amiga Rivayane Sheila e amigo Addison Ribeiro pelas constantes reflexões e diálogos; ao Elioenay Dantas pela tranquilidade e criatividade na elaboração da arte para este trabalho, também pela disponibilidade em me ajudar sempre que preciso.

Igualmente, aos colegas e amigos encontrados na universidade, especificamente no decorrer do curso de Biblioteconomia, aos quais ganharam afinidades e companheirismo, que merecem espaço para agradecimento, a saber: Gabriella Oliveira, pela iniciativa tomada em ampliarmos nossos saberes através das viagens aos eventos científicos e pelo seu companheirismo; Mícarla Gomes, mesmo com seu jeito “avexada”, sempre esteve disposta a aprender e buscar meios para que as dificuldades nos trabalhos das disciplinas fossem superadas, por estar comigo nos lanches da tarde acompanhados dos cliques fotográficos e pelos conselhos de saúde quando não estive bem; ao amigo Rafael Soares, pelo companheirismo e simpatia, que mesmo nos pequenos desentendimentos, sempre tentou “dar o jeito” nos trabalhos das disciplinas, e até hoje tem me escutado e aconselhado sempre que pode nos momentos bons e ruins; a Rayane Souza, pela eterna cumplicidade. Sou muito grata por Deus ter te colocado como amiga, que transmite paz e empresta seus ouvidos para me escutar em diversas situações; não poderia deixar de fora a Renata Oliveira, pelas constantes risadas e diálogos nos detalhes mais simples. Sou feliz em poder contar com cada um de vocês durante a trajetória acadêmica, assim como espero que a nossa amizade perdure para sempre. Não posso deixar de fazer menção da Cida Matias e Kleber Costa, amigos mais novos diretamente da Universidade Federal da Paraíba, por me acolherem nos dias em que estive em João Pessoa, com direito a café, assim como me encorajaram quando pensei que não iria concluir este trabalho.

Registro também o meu agradecimento a todos os Professores do Departamento de Ciência da Informação que me auxiliaram na construção do saber científico. Em especial, ao meu orientador, Prof. Francisco, por ter abraçado a causa deste trabalho comigo graças à disciplina “Preservação e conservação de documentos impressos e digitais”, partilhando seus conhecimentos e me incentivando para o ingresso futuro na Pós-graduação. Ao Prof. Pedro Neto em ter aceitado o convite para participar de minha banca de defesa desta monografia e por ter repassado com seriedade e gosto seus vários saberes na disciplina “Metodologia da pesquisa em Biblioteconomia II”. Agradeço imensamente a Profa. Luciana Carvalho por ter

aceitado participar da banca deste trabalho, pela disposição no ensino da disciplina “Fontes de Informação II” e apoio na busca de materiais para a realização desta pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer a toda a equipe da Agência de Comunicação da UFRN pelo acolhimento nos 2 anos de estágio, ao qual foi uma escola profícua de ensinamentos, contribuindo diretamente na visão do campo profissional em arquivo e especialmente no âmbito das fotografias. Sou grata ao Prof. Francisco Duarte e Enoleide Farias por terem me ajudado, a fim de que a pesquisa deste trabalho monográfico se tornasse possível.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente me ajudaram na trajetória discente, assim como possibilitaram meu amadurecimento pessoal e profissional, meus sinceros agradecimentos.

*“[...] O sol brilhará pela manhã
A noite findará [...]
Até aqui nos ajudou o Senhor”.*
(Iahweh, 2014; 1 Samuel 7:12b)

RESUMO

Apresenta perspectivas relacionadas à preservação de fotografias impressas institucionais no âmbito universitário. Explicita o contexto e origens da informação, caracterizando o documento enquanto suporte de representação da informação. Conceitua a memória para a promoção da comunicação, disseminação da informação e formas de estoque na mente humana. Enfoca a fotografia como meio de representação da informação documental ao qual assume papel fundamental na construção da memória; bem como os elementos constituintes que a tornam meio impresso ou digital. Aborda questões técnicas e reflexivas concernentes à preservação, conservação e disseminação da informação em coleções fotográficas. Utiliza o método monográfico com base em pesquisa de campo, análise de imagens e entrevista com gestor na instituição com o propósito de observar e coletar informações relacionadas à preservação, conservação e acesso a estes materiais. Objetiva estudar as formas de acondicionamento e preservação das fotografias da Agência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bem como perceber se existe divulgação destes materiais para a comunidade universitária. Finaliza o estudo com reflexões acerca da importância da preservação de fotografias para a construção da memória institucional enquanto um todo, com vistas a disseminação da informação ao público interno e externo frente à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: Memória institucional. Preservação de fotografias. Disseminação da informação. Agência de Comunicação.

ABSTRACT

This article aims at presenting viewpoints related to the preservation of institutional pictures which had been printed in the university field. It explains both the context and origins of the information, characterizing the document as a support of the information representation. It also conceptualizes the memory to the promotion of communication, to spread information and ways to keep it in the human mind. It emphasizes the photography as being a way of representation of documentary information which assumes a key role in the memory building - just as the elements which constitute it that makes it in either printed or digital format. It approaches technical and reflective issues about the preservation, conservation and dissemination of information in photographic collections. It uses the monographic method based on field research, analysis of images and interview with a institution manager with the intention of watching and collecting data related to preservation, conservation and access to these materials. It has as a goal to study the ways of stowage and preservation of the pictures from the Communication agency of the Federal University of Rio Grande do Norte, and realizing the existence of divulgation of these materials to the college community. It finishes the study reflecting about the importance of keeping the pictures to the institutional memory building, aiming at spreading information to the internal and external public of the UFRN.

Keywords: Memory institutional. Preservation of Pictures. Dissemination of information. Communication agency.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESTADO DA ARTE	15
2.1 Informação	15
2.2 Memória	18
2.3 Documentos Iconográficos: A Fotografia	24
2.4 Preservação da Informação: A Fotografia	28
3 METODOLOGIA	35
3.1 Instituição Mantenedora: AGEKOM/UFRN	36
4 PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA E SUA DISSEMINAÇÃO PARA A COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA: O CASO DA AGEKOM/UFRN	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	51

1 INTRODUÇÃO

Desde a invenção da humanidade nos primórdios, a necessidade de existir uma memória documental sempre se fez presente na vida dos seres humanos, mais ainda nas organizações, com a finalidade de provar que algo aconteceu. No decorrer dos anos, com o avanço das tecnologias, a informação cresceu em quantidade e evoluiu principalmente nos seus formatos de representação e em caráter documental, fatores cruciais e significantes ao qual desperta a atenção da chamada sociedade da informação em se manter atualizado.

No ano de 2010, o contato com acervo iconográfico fez parte das experiências vividas pela autora desta pesquisa, enquanto bolsista na Agência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Embora a mesma não tivesse conhecimento de preservação e gestão documental, a pesquisa por estes conhecimentos foi o elemento primordial para que o gosto em trabalhar com arquivo iconográfico aumentasse. No decorrer da trajetória acadêmica discente, foi percebida que no âmbito da ciência da informação, a preservação de fotografias é pouco explorada. Diante disto, surgiu a pergunta: se a fotografia é um recurso informacional que serve de prova, por que poucos se interessam, visto que a tecnologia tem se atualizado a cada dia? A memória é algo intrínseco, principalmente no que concerne as instituições. Convém ressaltar que esta pesquisa busca contribuir para o fortalecimento do conhecimento técnico-científico.

Diante da complexidade em trabalhar com objetos fotográficos, surgem curiosidades em realizar atividades específicas neste foco. Outro questionamento diz respeito se existe preservação e conservação de coleções iconográficas, e se estas são divulgadas para a comunidade universitária. Ao passo que as informações são produzidas constantemente, acredita-se que não existam práticas de preservação e conservação de coleções fotográficas devido à falta de conhecimento suficiente para estes fins, assim como é pensado que é inexistente a disponibilização destes materiais para a comunidade acadêmica, o que impede que o público universitário tenha conhecimento do acervo documental fotográfico.

Frente aos questionamentos supracitados, esta pesquisa objetiva estudar as formas de acondicionamento e preservação das fotografias da Agência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bem como perceber se existe divulgação destes materiais para a comunidade universitária, haja vista que as fotografias funcionam como fonte de informação riquíssima para a instituição, e em específico, os seguintes aspectos:

- Analisar as fotografias em seu “estado de vida”;

- Observar se existe política de preservação;
- Estudar o contexto informacional das imagens produzidas;
- Sugerir medidas preventivas de conservação das fotografias, bem como ampliar a disseminação destes materiais junto à comunidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A fotografia é um recurso que permite provar as ações por meio das imagens. No entanto, com a evolução das fotografias impressas para o meio digital, muitas foram esquecidas em locais que comprometem sua estrutura. É crítico saber que em algumas instituições não possuem conhecimentos específicos no que concerne aos fatores de degradação das fotografias; entretanto, existem medidas que podem ser tomadas, evitando que tais materiais se percam com o tempo.

É neste contexto de fotografia como fonte de informação e resgate da memória institucional que o presente trabalho monográfico irá abordar de maneira exploratória os componentes que constitui a fotografia impressa, bem como irá apontar de que forma esse recurso pode ser melhor conservado e preservado, a fim de que no futuro pessoas do meio interno e externo à universidade tenham acesso a esses documentos. Será também focado a importância da disponibilidade destes documentos no âmbito acadêmico.

A metodologia utilizada para esta pesquisa está concentrada no método monográfico, ao qual permite ter generalizações sobre os assuntos trabalhados; pesquisa de campo, no intuito de observar e coletar informações quanto à procedência dos questionamentos; realização de pesquisa exploratória por meio de livros, artigos e websites que subsidiem a construção do embasamento teórico; assim como os métodos de coleta dos dados estão divididos em análise de imagens, descrição das observações com base nas experiências da autora desta pesquisa na instituição e entrevista com o responsável da mesma.

Desta forma, a estrutura do presente trabalho está dividida em 5 capítulos da seguinte forma: este primeiro capítulo apresenta reflexões introdutórias concernentes à delimitação do tema, objetivos, justificativa e escolha metodológica; no capítulo seguinte, explanação teórica-conceitual dos temas informação, memória, documentos iconográficos e preservação da informação, todos relacionados ao foco deste trabalho, desde os conceitos gerais para o específico; no capítulo 3 a abordagem metodológica em que consiste a pesquisa; por conseguinte, o capítulo 4 apresentam-se os resultados obtidos na pesquisa e possíveis

sugestões de melhoria para a instituição pesquisada; por fim, o último capítulo sugere reflexões conceituais e práticas no tocante ao trabalho, analisando todas as partes.

2 ESTADO DA ARTE

Neste capítulo, serão expostos e contextualizados os conceitos de informação enquanto meio, processos, suporte e elemento fundamental para o funcionamento das atividades na sociedade; reflexões concernentes a memória, suas origens, significados e perspectivas enquanto elemento primordial para a construção do conhecimento histórico, em específico, no âmbito institucional; será também abordado o conceito de fotografia enquanto documento iconográfico, assim como os elementos que a tornam suporte informacional físico e digital; finalizando este momento com aspectos de preservação, conservação e acesso a materiais iconográficos no âmbito da memória institucional, pautados em revisão de literatura durante a elaboração deste trabalho monográfico.

2.1 Informação

O mundo “respira” informação; em todo contexto se produz, utiliza e trocam-se informações, não importa qual seja o nível. Mas afinal, o que é informação e para que serve? Eis uma pergunta um tanto comum. No entanto, se pararmos bem para pensar, é possível inferir que a informação é tratada de várias formas e sentidos, principalmente no que concerne a seu significado.

Informação, palavra originária do latim *informatio*, de acordo com o Dicionário Aurélio significa “ato ou efeito de informar; notícia dada ou recebida; indagação”. Ainda neste sentido, o DELTCI (Dicionário Eletrônico de Terminologia de Ciência da Informação), caracteriza como sendo um fenômeno social, que consiste em dar forma as ideias e emoções humanas, assim como a troca e interação dessas ideias e emoções (ato de comunicar). Outra compreensão presente diz respeito a identificação de objeto científico, “conjunto de representações de signos e símbolos adequadas ao fenômeno social passível de registro em suporte material” (SILVA, 2006, p. 150). Tal significado trata-se de uma variação dupla de compreensão por se tratar de uma ciência multi e transdisciplinar. Já Le Coadic (1996, p. 5), diz que a informação “é um conhecimento inscrito (gravado) gravado sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”.

Quanto as finalidades da informação, de acordo com o Oxford English Dictionary (1989 apud CAPURRO, 2007, p. 155), “visa moldar a mente e a comunicação do conhecimento”. Neste sentido, Capurro (2007, p. 149), afirma que “o conceito de informação como usado no inglês cotidiano comunicado, desempenha um papel central na sociedade contemporânea”. Desta forma é permitido compreender que em qualquer lugar e tempo, a

informação é primordial para o funcionamento de qualquer atividade, por mais simples ou complexa que seja. Outra finalidade é, decerto, a redução de incertezas em determinado contexto.

Com o passar do tempo, a evolução da tecnologia possibilitou a inovação de atividades nas ciências sociais e naturais, assim como o termo “informação” passou a ganhar amplas discussões. Diante disso, para alguns teóricos a expressão informação é vista em diferentes perspectivas: Buckland (1991, p. 351), ao se referir ao termo “informação como coisa”, atribui entendendo que a informação pode ser vista como um objeto, da mesma forma que os dados funcionam em documentos, ou seja, possui caráter informativo devido a sua quantidade. Em contrapartida, Saracevic (1999) analisa a informação sob três óticas (dentro da ciência da informação), aos quais são: **sentido restrito**, **sentido amplo** e **sentido ainda mais amplo**.

No **sentido restrito**, a informação trata de sinais ou mensagens envolvendo pequeno ou nenhum processamento cognitivo; caso haja processamento, este é expresso através de termos algoritmos ou probabilidades. Informação é a propriedade de uma mensagem, que pode ser estimada por uma probabilidade (SARACEVIC, 1999, p. 1054). Neste sentido, segundo Shannon (1948) informação é produzida em medida através do número de mensagens em função monótona e específica; desta forma, a mensagem se dá através da codificação produzida em fontes numéricas, dentre elas, o algoritmo. Nesta perspectiva, entende-se que a informação é tido como algo monótono e muito técnico, fator este que dificulta a aprendizagem humana, ao qual trabalha constantemente de formas e sentidos diferentes.

Enquanto isso, no **sentido amplo**, informação envolve diretamente processamento cognitivo e compreensão. Resultante da interação entre duas estruturas cognitivas, uma “mente” e um “texto” (em um sentido amplo dessa palavra), informação é o que afeta ou altera um estado de conhecimento, ou seja, para determinar algo como sendo informação é preciso ver o que o leitor discerniu de um texto ou documento. Nesta perspectiva, entende-se que a informação é entendida como o resultado da “transação” entre texto e leitor, entre um registro e seu usuário (SARACEVIC, 1999, p. 1054), fator este que faz com que as palavras possam a ter sentido na mente humana, capazes de exercer influência no entendimento e direcionamento às ações individuais.

E no **sentido ainda mais amplo**, informação existe em um contexto. Envolve não apenas as mensagens (sentido restrito) que são cognitivamente processadas (sentido amplo), mas também um contexto, uma situação específica e uma ação, ou tarefa, no decurso da qual a

informação é cognitivamente processada. Assim, esta envolve motivação e intencionalidade do indivíduo, mas sempre conectadas a um horizonte social, do qual fazem parte a cultura e as ações desempenhadas (SARACEVIC, 1999, p. 1054).

Se pudermos refletir, a informação abrange diferentes ângulos e olhares dentro da pragmática científica. Pensar neste termo requer uma análise crítica, principalmente ao se tratar de redução das incertezas no contexto e necessidade adequados, assim como ela funciona no processamento de dados para a construção do conhecimento.

Desta forma, a informação é vista como principal insumo em todos os segmentos no cotidiano, resultado da associação entre forma, conteúdo e suporte. Capurro (2003 apud ARAÚJO, 2014, p. 70), ao estudar a evolução da ciência da informação, percebe que “a informação é algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor [...]; algo é informacional na medida em que altera as estruturas de conhecimento do sujeito que se relaciona com dados ou documentos”. A informação, é portanto, elemento fundamental para dar aos documentos o seu devido sentido, ao qual precisa ser tratada, organizada e disseminada na sociedade.

Para adentrar a reflexão entre dados e documentos no contexto informacional, é possível apresentar alguns conceitos referentes ao campo da comunicação. A primeira delas diz respeito ao termo **mentefato**, que segundo Silva (2006, p. 154) é o “produto da consciência, da mente, da razão e da inteligência humanas”, ao qual entra em contrapartida com o termo **artefato**, caracterizado enquanto “produto tridimensional resultante do trabalho humano” (SILVA, 2006, p. 138). Este trabalho humano se relaciona intrinsecamente à produção de documentos ou livros na perspectiva da ciência da informação.

No entanto, Silva (2006, p. 84) contextualiza que a informação enquanto ação humana “só pode ser forma a mentefatos, ou seja, a objetos mentais, representações mentais de coisas, situações, ocorrências externas e vivências interiores conscientes, emocionais etc”, sentido real concernente a produção da memória, que será abordado posteriormente.

Face ao exposto, convém trazer à baila o seguinte questionamento “o que é comunicação?” Silva (2006, p. 143) diz que a comunicação “é sinónimo de interação humana e social e pressupõe necessariamente informação sob a forma de mensagens ou conteúdos transmitidos, partilhados, em suma, comunicados”. Ao mesmo tempo, o Dicionário Houaiss (2009) apresenta um leque de alternativas referentes ao conceito de comunicação. Porém, no sentido metonímico, diz respeito “a informação transmitida; o seu conteúdo”, definição mais adequada quando se pensa em disseminar as informações de coleções documentais. Documento, de forma geral, é

Informação registada num suporte humano e material/tecnológico. É condição necessária, mas não suficiente para que ocorra em pleno o fenómeno infocomunicacional. Toda a informação que o ser humano cria, recebe e guarda na sua memória tem como fonte e suporte o próprio corpo. Ter registada ou conter informação é completamente distinto de suscitar informação (SILVA, 2006, p. 145).

Nessa perspectiva, a comunicação é a estratégia que melhor se adequa a disseminação da informação, visto que o acesso à documentação se faz possível quando existe comunicação. Outra definição pertinente diz respeito a documentação, que em linhas gerais é o “conjunto de documentos” (SILVA, 2006, p. 146), ou seja, os documentos são reunidos, aos quais necessitam ser organizados, tratados e disseminados para que as informações nelas contidas não se percam futuramente.

Assim, é primordial compreender a informação fundamentada no seu valor documental, visto que ela serve como evidência para provar o acontecimento de algo na história. Segundo Buckland (1991, p. 353), “evidência” é um termo apropriado porque denota algo relacionado à compreensão, algo que, se encontrado e corretamente compreendido possa mudar um saber, uma crença, que diga respeito a algum assunto.

2.2 Memória

Desde os primórdios, a memória sempre foi o fator de grande necessidade para a construção do saber histórico, visto que transcende os horizontes para “além da reconstrução histórica dos diferentes meios encontrados pelo homem para fixar, organizar e estabilizar” (LUCAS, 2000, p. 25), elementos primordiais para a memória. Dessa forma, convém fazer uma breve abordagem sobre o surgimento e evolução da memória. Antes do surgimento da escrita, surgem os homens-memória, ao qual eram responsáveis pela guarda das informações históricas, pois a memória (que era chamada de memória coletiva) girava em torno dos mitos e do prestígio das famílias dominantes, fator este que apenas os homens-memória tinham acesso e ao mesmo tempo, responsabilidade em organizar tais informações neste tempo.

Quanto ao conceito de memória, existem diversas abordagens devido ao sentido literário desta palavra. Segundo o dicionário Houaiss, alguns dos vários significados deste termo dizem respeito a “efeito da faculdade de lembrar, a própria lembrança; recordação que a posteridade guarda”, características presentes nas atividades do ser humano. De uma forma geral, memória pode ser compreendida como “capacidade de reter e manipular informações

adquiridas anteriormente” (SMIT; TÁLAMO, 2006, p. 02), ou seja, a cada informação recebida, a mente humana processará e guardará o que foi repassado.

Smit e Tálamo (2006, p. 02) ainda percebem que o termo memória é bastante associado ao fator tempo de forma contrastante, dentre elas a construção do “presente/passado”, ao qual pode ser classificado nos seguintes métodos: duração, tipo de informação, direcionamento temporal ou função. A memória por **duração** é considerada por curto e longo prazo; curto por ser limitado e sem muita duração; longo pela capacidade de ter as informações guardadas e resgatadas quando for preciso, ou seja, entra como fonte referenciadora. Na perspectiva por **tipo de informação**, esta é notada na memória de longo prazo e é explícita ou implícita. Explícita por existir processos conscientes entre a pessoa e a informação (de que forma é tratada) e implícita por haver um acúmulo de informações na mente humana, porém visando apenas a aprendizagem para a realização de atividades por certo momento. Em resumo, a memória por tipo de informação irá tratar da diversidade informacional e pensar em criar a memória dentro de instituições. A memória por **direcionamento temporal** situa o tempo, bem como se as informações estão no tempo passado ou busca lembrar algo que irá acontecer no tempo futuro; memória existe por função com a finalidade de distribuir funções (ou atividades) com fins de recordação, ou seja, recuperar a informação desejada para o momento.

Outras concepções de memória segundo Halbwachs (2006) é a distinção da memória individual e da memória coletiva. A **memória individual** consiste na ação de buscar em testemunhas para reforçar ou enfraquecer e acrescentar o que sabemos sobre algo ao qual temos informação. Isto é, portanto, uma ação individual. A **memória coletiva** para o autor, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Desta forma, as lembranças individuais se tornam coletivas a partir do momento em que a informação sobre determinado acontecimento é compartilhado com outras pessoas. Existe também a **memória orgânica**, que segundo o DELTCI¹ “acumula e trata a memória pessoal e institucional”, ou seja, é observado que nas instituições, a produção de informação é constante, o que irá demandar grande volume de documentos; portanto, se faz necessário que tais informações sejam organizados, tratados e disseminados.

¹ Documento on line, não datado, não paginado.

Com o aperfeiçoamento da escrita, a memória coletiva passou a se desenvolver em duas formas: a inscrição na pedra e no mármore em acontecimentos memoráveis e ao se tratar de documento enquanto meio de armazenamento da informação, fator este que possibilitou a comunicação em tempo e espaço. Logo após, a memória escrita possibilita a associação mental através das imagens. Neste ínterim, a memória se torna história quando os reis criam instituições-memória, ao qual estes descreviam os serviços prestados nos documentos. As instituições de memória presentes neste contexto, segundo Silva (2006, p. 137, 138, 156) são:

- **Arquivo:** serviço criado organicamente em uma entidade ou instituição cultural com o propósito de reunir e tornar acessível a informação na qual é produzida; sistema semi-fechado de informação produzida no decorrer da atividade.
- **Biblioteca:** serviço criado dentro de uma entidade, também com a finalidade de disponibilizar a seus usuários os serviços existentes. Seu diferencial diz respeito a coleção bibliográfica.
- **Museu:** local em que se reúnem objetos históricos visando a construção da identidade cultural.

Neste contexto, quando a evidência possui valor documental, as **instituições de memória** surgem com o intuito de promover a preservação do patrimônio, seja histórico, cultural, científico, entre outros. O conceito de memória (ou *mnemônica*), segundo Le Goff (2013, p. 387) “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Na perspectiva de Silva (2006), “engloba a pessoal e a institucional e consiste na capacidade de acumular informação em condições de uso fácil e rápido”. Uma peculiaridade da memória diz respeito a seu caráter social, visto que “se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (FLORÈS, 1972, p. 12 apud LE GOFF, 2013, p. 389), assim como ela “faz parte [...] do imaginário partilhado entre indivíduos e coletivos que na dinâmica do tempo produz, enuncia e significa o que chamaremos de informação” (PIMENTA, 2013, p. 151-152). Desta forma, a memória quando partilhada é o meio fundamental para que a construção da história na sociedade seja promovida e divulgada a quem desejar recuperar a informação quando for preciso.

No âmbito da ciência da informação, os acontecimentos de qualquer contexto ficam marcados em diversos segmentos, dentre elas o institucional, que abarca uma infinidade de coleções documentais. Assim como a informação é o conjunto de dados processados, a memória é:

[...] algo que vai muito além do próprio conteúdo do documento. Os conjuntos informacionais que se geram não podem ser definidos compartimentadamente como material de arquivo, de biblioteca ou de centro de documentação, por serem atípicos, como totalidade, a qualquer um deles. Esses conjuntos de dados constituem a memória (BELLOTTO, 2005, p. 271).

Neste ínterim, os materiais de arquivo, biblioteca ou de centro de documentação fazem parte da memória, visto que os documentos possuem o caráter de evidenciar determinado acontecimento. A memória também é compreendida como uma espécie de conhecimento materializada, visto que agrupa uma série de informações em diversos suportes. Sendo assim,

[...] é possível afirmar que a memória, tanto individual como coletiva, atua na construção do conhecimento. Conhecimento que traduz, constrói sentido e, portanto, significa algo. Interpreta. Ou seja, sem memória não somos capazes de reconhecer determinada informação, da mesma maneira que não poderemos constituir conhecimento (PIMENTA, 2013, p. 155).

No que atine a sua finalidade,

A memória é uma forma de armazenamento e “evocação de informação” que se constitui através de experiências, pois precisa delas para construir suas cadeias de lembranças, discursos, narrativas e imagens. Assim, é igualmente plausível pensar que a memória é também responsável pela significação e ressignificação da informação. Pois sem memória, sem uma cultura partilhada, desprovida de uma linguagem comum e, portanto, de um conhecimento prévio, um determinado objeto não se constitui como informação (IZQUIERDO, 1989 apud PIMENTA, 2013, p. 155).

No entanto, surge um questionamento no tocante ao acesso. Segundo Pimenta (2013, p. 155) “é igualmente correto dizer que sem o acesso à informação, seja ela qual for para determinado fim, torna-se impraticável a produção e preservação da memória”. Como acessar uma informação que não está disponível? Eis aí uma grande problemática, principalmente nos arquivos, que não é de hoje.

Desde 1887 até aos nossos dias, a preocupação em criar meios de acesso à informação dos arquivos tem tido uma expressão cada vez mais acentuada,

facilmente compreensível num contexto de afirmação e desenvolvimento da técnica arquivística (RIBEIRO, 2003, p. 569)

Assim como a memória tem seus elementos, compostos pelos documentos, a arquivologia viria para resolver os problemas no que tange a organização destes. Desta forma, entende-se que as informações sejam geradas, preservadas, conservadas e disponibilizadas para a comunidade. Desta forma, para Silva (2006, p. 137), a arquivologia é

Designação surgida no século XIX e mantida hoje na América Latina, havendo quem a use na Espanha, mas não de modo exclusivo, nem tão pouco dominante, para caracterizar uma abordagem científica (discursiva e racional) sobre arquivo, quer enquanto espaço institucional e/ou funcional, quer quanto ao que esse contém (incorpora, acumula e disponibiliza).

A organização da memória só é possível após o acontecimento dos fatos como afirma Bellotto (2005, p. 272-273), em que se reúnem as informações de determinado evento, gerando os documentos, e após isso, a captação do *corpus* documental, que “é matéria documental em estado bruto”, *corpus* este que significa a memória.

Assim, o termo documento, derivado do latim *docere*, que significa ensinar, passa a ter significado de prova com a finalidade de justificar algo real. Quanto ao seu conceito, segundo Bellotto (2006, p. 35) “documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa”. Silva (2006, p. 145) caracteriza documento como sendo “informação registrada num suporte humano e material/tecnológico”, ou seja, é o meio pela qual as informações nela contidas irão servir como fonte de referência ou como elemento de prova referente a alguma evidência.

Em se tratando de **memória institucional**, de forma geral, pode ser entendida como o conjunto de informações reunidas dentro de uma instituição. E dentro de uma organização, é comum que haja um agrupamento de documentos, denominados arquivos. São características vitais da memória institucional: recolher, tratar, transferir e disseminar as informações contidas em cada material, independente do seu suporte. O conceito formal de memória é definido como

[...] conjunto de informações e/ou documentos, orgânicos ou não. A memória é referenciadora, e não recolhedor ou armazenadora. Os documentos existem nos seus lugares, sem que se tente reuni-los materialmente. Basta que a informação esteja captada, o objeto identificado, localizado e disponível para o pesquisador (BELLOTTO, 2005, p. 274).

É importante ressaltar que não se devem confundir os conceitos e as características da memória, pois se ela é referenciadora, isso significa que o conteúdo informacional presente nos documentos servirá como fonte de informação para provar que algo aconteceu, ou seja, as informações serão recolhidas; tratadas porque se o documento corre o risco de sofrer degradação, existe a necessidade de evitar que as informações se percam com o tempo; transferidas e disseminadas ao público para que a sociedade tenha ciência do que houve na história, tendo em vista a abertura e ampliação do conhecimento, o que possibilita o diálogo entre as pessoas.

Sendo assim, os conjuntos de informações formam os documentos, independente qual seja o suporte, assim como conjuntos de documentos são agrupados nas instituições de memória (arquivos, bibliotecas ou centros de documentação); as instituições de memória, além de promover a preservação do patrimônio, são responsáveis pelo ajuntamento e tratamento de informações aos documentos, tornando um *corpus* documental significativo, bem como são responsáveis pela organização e disseminação da informação na sociedade quando for preciso.

Dessa forma, se existem documentos organizados dentro de uma instituição, por que não reter e manipular informações adquiridas que fazem a história local? Uma razão bem clara, dentro da perspectiva de instituição pública é ressaltada por Bellotto:

É mais fácil fazer a memória de um órgão público do que a de um ato, porque, no primeiro, os elementos são mais concretos. Começa-se pelo arquivo: trata-se de toda a documentação da constituição do órgão e do decorrer de sua vida funcional. Em seguida, o material técnico-científico, que pode ser de arquivo ou não. Além disso, há as manifestações nos meios de comunicação: recortes de jornal, gravação de noticiários, fotos etc. Tudo isso e muito mais deve ser captado para realmente se conseguir montar a memória do órgão público (BELLOTTO, 2005, p. 273).

Diante disso, a memória é um recurso primordial para que a instituição tenha sua história disseminada sempre que necessário. Para tanto, é necessário que os documentos agrupados estejam organizados, pois como afirma Bellotto (2005, p. 277), a memória possui duas vertentes: a primeira se trata da composição, ou seja, do valor informacional; e a segunda, trata de como organizar para que os meios de divulgação da informação possam ser estudados.

2.3 Documentos Iconográficos: A Fotografia

Desde os primórdios, o homem busca representar suas emoções e vivências através da arte, ao qual foram iniciadas com as pinturas em cavernas. Segundo Marcondes (2005, p. 02), “o uso da imagem como forma de registro remonta à época do homem das cavernas. Cenas de lutas, de guerras e do cotidiano eram pintadas em cavernas e paredes, tornando possível, atualmente, a compreensão de culturas passadas.” Imagem, que para Silva (2006, p. 149) é, portanto, a “representação mental e afectiva de natureza icónica, (re)produzida naturalmente pelos seres humanos e por estes através de tecnologia”. De modo geral, a mente humana é capaz através de dar forma aos seus pensamentos por meio da iconografia, objeto da arte.

A palavra fotografia, que segundo Kossoy (2001), foi utilizada pela primeira vez em 25 de Fevereiro de 1839 na Alemanha, é originária do grego (*photos*=luz; *graphos*=escrita) e tem por significado “escrever com a luz”, pela qual a informação é disseminada através da imagem no momento da captação, transmitindo ao leitor o que acontece naquele momento. Ainda de acordo com Kossoy (2001, p. 35) “com a invenção da fotografia, a imagem dos objetos na câmara obscura já podia ser gravada diretamente pela ação da luz sobre determinada superfície sensibilizada quimicamente”, fator significante para a reprodução da informação.

Nesta perspectiva, o termo fotografia ganha destaque no cenário mundial graças ao governo francês, visto que a imagem ainda precisava ser reproduzido, disseminado na sociedade e multiplicado no fator tecnológico por se tratar de algo novo, pois, um dos primeiros métodos de formação da imagem foi o “*Daguerreotipo*”, ao qual permitia apenas a formação de uma única imagem. Neste caso, havia muito para se pesquisar e trabalhar a partir de vários experimentos, principalmente no fator resolução, ao qual surgem as fotografias meio tom, colorida, panorâmica até chegar às fotografias digitais, bastante trabalhadas no contexto atual.

Kossoy (2001, p. 37) explicita que “três elementos são essenciais para a realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia”. Para o autor, entende-se que a fotografia é o resultado da ação humana que registrou algo em determinado tempo por intermédio do aparato tecnológico. Neste ínterim, a fotografia se caracteriza como fonte de informação e objeto de arte, ao qual possui um conceito bastante sublime. Achutti faz a seguinte reflexão nessa perspectiva:

[...] as fotografias são recortes arbitrários, traduções da realidade. Suas margens delimitam as escolhas feitas pelo fotógrafo para demarcar o tempo

e o espaço; elas são o resultado de um só gesto, um gesto último e definitivo, aquele de apertar o disparador; é um ato intencional determinado pelo ponto de vista particular daquele que olha [...] (ACHUTTI, 2004 apud EGGERT-STEINDEL et al., 2013, p. 130).

Outra finalidade peculiar da fotografia diz respeito a seu valor documental. Segundo Marcondes (2005, p. 02) “a imagem fotográfica atesta apenas aquilo que é mostrado, ou seja, não permite conotações por tratar-se de uma mensagem sem código...logo, o seu valor como documento e a importância de sua presença nos arquivos é atualmente inquestionável”. Assim como para cada documento existem fatores que marcam o contexto informacional, com a fotografia não é diferente, pois “tanto imagem quanto memória podem se referir a diferentes áreas ou processos [...] e é ela que alimenta a construção de outras imagens” (LEITE, 1998, p. 10). Logo, a construção de várias imagens confere ao “desencadeamento de lembranças de fatos passados, já adormecidos”, ao qual “lhes conferem papel fundamental na reconstrução histórica” (MARCONDES, 2005, p. 01), característica fundamental presente no uso de fotografias, ao fazer reflexões no que concerne a preservação da memória documental.

Fotografias mostram pessoas, lugares e eventos; citações e fontes são verificadas. Em cada caso é razoável vislumbrar a “informação-como-coisa” como evidência, embora sem implicar que o que foi lido, visto, ouvido ou percebido ou observado tenha sido necessariamente exato, útil ou pertinente aos propósitos do usuário (BUCKLAND, 1991, p. 353).

É importante ressaltar que a fotografia não surgiu de repente; pelo contrário, ela se deu através do aperfeiçoamento por meio de pesquisas e experimentos em laboratórios. Inicialmente foram utilizados os *daguerreótipos*, criados por Louis-Jacques Mandé Daguerre, grande pesquisador nesta área, ao qual fez diversas experiências com foco na obtenção de imagens coloridas. O processo de criação do *daguerreótipo* consistia “em uma imagem fixada sobre uma placa de cobre, cuja nitidez dependia da incidência da luz. A obtenção dessa imagem prescindia de um longo tempo de exposição, além de um complexo procedimento de revelação, o que a encarecia demasiadamente” (MARCONDES, 2005, p. 03).

Em seguida, outro processo fotográfico foi utilizado, denominado “*Caloptia*” ou “*Talboptia*”, concebido por William Fox Talbot, que descobriu o sistema positivo-negativo. Este processo trata da fabricação de negativos utilizando papel de carta (POZZEBON, 2013, p. 07). No entanto, “o calótipo não obteve tanta popularidade, pois a imagem produzida apresentava acentuada granulação decorrente das fibras de papel do negativo que apareciam

impressas no positivo não possibilitando, assim, a reprodução perfeita do pormenor” (COSTA, 2009, p. 14). Após a revelação, estes eram passados por banho com cera de abelha.

Diante da necessidade da criação de imagem com melhor qualidade, o papel é substituído pelo vidro na confecção de negativos, haja vista que este material possibilitaria uma maior transparência e nitidez na formação da imagem, sem granulação. O responsável por este experimento foi Frederich Scott Archer (COSTA, 2009, p. 14). Prosseguindo, outros processos existiram, dentre eles, o ambrótipo, que “consistia na produção de positivos diretos obtidos a partir de colódio úmido sobre um fundo preto” (COSTA, 2009, p. 14), que em compensação seria uma alternativa mais econômica se comparado ao *daguerreótipo*. Em contrapartida,

Logo depois, outro processo, o ferrótipo, usava como suporte uma chapa de ferro esmaltada, tendo o colódio como ligante e a prata como substância formadora da imagem. Esse processo era efetuado por fotógrafos nas ruas, não sendo necessárias técnicas refinadas para sua obtenção (COSTA, 2009, p. 14)

De toda forma, os processos fotográficos visavam alguns objetivos em comum, aos quais eram: a redução do custo, imagem de qualidade e melhor reprodução (COSTA, 2009, p. 15), ao passo que a sociedade e a tecnologia estão em constante transformação, convém que a fotografia enquanto representação do mundo também passe por mudanças.

Há quem diga que a fotografia impressa é uma imagem fixa em um papel, no entanto, “com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe” (KOSSOY, 2001, p. 26), então, se existem detalhes, este fator diz respeito que a fotografia tem a sua estrutura; desta forma, existem materiais que a compõem, dividida em três camadas, aos quais são: suporte primário, camada aglutinante (ou formadora da imagem) e o material formador da imagem final, descritas a seguir:

- **Camada de suporte primário:** metal, – placas de cobre recobertas com prata, para daguerreótipos e folhas de ferro laqueado, para ferrótipos (KENNEDY; MUSTARDO, 2004, p. 18) – vidro – ambrótipos, negativos de vidro *lantern slides* – ou papel (o papel é mais utilizado atualmente, principalmente o resinado, recobertos com plásticos nos lados para que o enrolamento seja reduzido), ao qual tem por finalidade servir de estrutura principal para a imagem;

- **Camada aglutinante ou substância formadora de imagem:** camada primordial para a estrutura da fotografia, ao qual é responsável pela formação da imagem visual (ou parcial). Os materiais mais utilizados são o albúmen, colódio e gelatina, materiais estes que constituem os tons de claro e escuro da imagem, bem como é recomendável que haja estabilidade nestes componentes, a fim de que a imagem permaneça duradoura e inalterada. Segundo Kennedy e Mustardo (2004, p. 17), “o albúmen foi o aglutinante de uso predominante durante a maior parte do século XIX, enquanto que a gelatina tem predominado nos últimos cem anos para ambos os materiais positivos e negativos”. Com a criação da fotografia colorida, os componentes citados possibilitam a cor da mesma;

- **O material da imagem final:** diz respeito aos materiais que dão visibilidade a imagem. São utilizadas “prata metálica, platina, ferro e uma ampla variedade de corantes e pigmentos” (KENNEDY; MUSTARDO, 2004, p. 19). Geralmente, em fotografias de papel *albuminado* (contém albúmen) e de prata viradas a ouro existe a combinação de dois ou mais metais para melhor qualidade da imagem. Quanto às cores, estas se classificam em monocromáticas e policromáticas; as monocromáticas se constituem por sais de prata; já as policromáticas são formadas através dos corantes e pigmentos.

Com a evolução dos suportes, o homem sentiu o “desejo de registrar com maior realismo que levou ao aparecimento nos séculos XVI e XVII de máquinas de desenhar e retratar” (MARCONDES, 2005, p. 02), assim como as primeiras máquinas fotográficas começaram a surgir, fator este que possibilitou ao homem a descobrir os métodos de captação de imagens em tempo real, dentre elas, a fotografia digital, que revolucionou a forma de captura de imagem desde o surgimento dos filmes em bases flexíveis, como também a praticidade em poder visualizar aquilo que foi capturado, se foi de boa qualidade, se necessita repetir a ação de fotografar, entre outros fatores.

Segundo Trigo (1998, p. 166) “o que dá vida a uma imagem digital é a quantidade de pixels (*picture elements*).” Essa quantidade de *pixels* são representados por softwares específicos de linguagens de programação em computadores, que consistem na transferência de códigos (formados por letras e símbolos) quando o arquivo digital é processado através de escaneamento (para digitalização de fotos impressas) ou no “descarregamento” de fotografias das câmeras digitais. Cada *pixel* é formado por códigos e símbolos que determinam sua posição na foto a partir de sua cor, luminosidade, tom. Todas essas características tem origem nas cores primárias, o chamado RGB – Red: vermelho, Green: verde, Blue: azul (TRIGO, 1998, p. 166).

Para a captação de fotografias digitais, estas “são obtidas a partir de uma câmera fotográfica digital que é equipado com um sensor óptico eletrônico que forma um ‘plano focal’. Atualmente existem dois tipos de sensores, os *Charge-coupled device* (CCD) de e os *Complementary metal-oxide semiconductor* (CMOS).” (TRIGO, 1998, p. 167).

Os *artifacts* são diversificados problemas quanto à estrutura da imagem capturada. Esses casos podem acontecer devido a problemas na focalização da imagem, superexposição a luz, problemas de transporte do CCD para outros periféricos. A maioria dos *artifacts* não são notados ou percebidos a olho nu, pois estão em escala milimétrica. Essas imperfeições geralmente são expressas em pequenas manchas e ruídos.

Os equipamentos, ou seja, as câmeras digitais são os grandes coadjuvantes na qualidade das imagens captadas, junto com as lentes com focos que alcançam grandes distâncias e tem uma resolução impressionante. Dentre elas estão as:

- **Câmeras compactas:** De baixo custo e perfeita para o uso amador. Geralmente tem zoom objetivo e zoom digital. Armazenamento de imagens em cartões Memory Stick. Resolução: 1 a 6 megapixels.
- **Câmeras reflex:** Consideradas semiprofissionais. Muito usadas por fotojornalistas. Lentes objetivas intercambiáveis. Tela de cristal líquido (LCD). Resolução: 3 a 14 megapixels.
- **Câmeras digitais de formato médio:** Objetivas de grande de grande qualidade, não possuem memória interna ou entradas de dispositivos removíveis, por isso necessitam de computadores para isto, ou seja, funcionam a partir de computadores. Mais usados em estúdios de fotografia pequenos.

2.4 Preservação da Informação: a fotografia

A memória institucional contém uma infinidade de coleções documentais, no entanto, todo material físico, no momento que é produzido, inicia-se a um processo de deterioração impossível de ser interrompido, podendo-se apenas retardá-lo (MARCONDES, 2005, p. 08). Nesta perspectiva, a utilização de pequenas medidas possibilitam ao material maior durabilidade, ou seja, existem estratégias que irão fazer diferença ao “tempo de vida” documental, chamadas de preservação e conservação, a fim de que evitem a agressão do material.

É de extrema relevância que, no contexto geral da informação se tenha ciência dos conceitos “preservar” e “conservar”. Segundo o DELTCI², preservação é o “conjunto de medidas de gestão tendentes a neutralizar potenciais factores de degradação de documentos”, ou seja, esta medida parte exclusivamente de uma ação humana para que a memória seja perpetuada. Seguindo este princípio, a conservação:

É um conjunto de medidas e estratégias administrativas, políticas e operacionais que contribuem direta ou indiretamente para a conservação da integridade dos acervos e dos prédios que os abrigam. São ações para adequar o meio ambiente, os modos de acondicionamento e de acesso, visando prevenir e retardar a degradação (SPINELLI, 2011, p. 4).

Dessa forma, para que esse conceito seja aplicado aos documentos do patrimônio institucional, é primordial que os conhecimentos específicos referentes a preservação e conservação sejam transferidos para as pessoas que fazem o ambiente de trabalho, a partir da iniciativa de que cada um pode fazer a sua parte planejando estrategicamente ações operativas, refletindo em ações mais humanitárias na sociedade. Vale lembrar que, embora a preservação pareça ser uma ação tão simples, torna-se, ao mesmo tempo, algo essencial, cujas próximas gerações agradecerão pelo fato de existirem documentos, pois como ressalva Bellotto (2005, p. 300), “preservam-se documentos por sua capacidade de servir como prova (*evidential value*) ou como testemunho (*information value*)”.

No tocante a conservação, Ferreira (2013) caracteriza este termo como “o conjunto de diretrizes operativas para o manejo e utilização sustentada de recursos, a um nível ótimo de rendimento e preservação”. Dessa forma, para que as coleções da memória possam estar acessíveis, se faz necessário ações de conservação, medidas simples, porém significativas, como ressalta Teixeira:

O estado de conservação de um objeto está intrinsecamente ligado ao material no qual foi elaborado, na técnica construtiva e na trajetória das condições de armazenagem e exposição. Quando um objeto é mantido em condições adequadas na armazenagem e exposição, os fatores de degradação são estabilizados, necessitando apenas a sua manutenção com procedimentos preventivos de conservação (TEIXEIRA, 2012, p. 15).

Nesta perspectiva, é comum que no âmbito da ciência da informação e em coleções institucionais existam dificuldades na preservação de fotografias, por haver

² Documento on line, não datado, não paginado.

[...] desconhecimento sobre a constituição desse tipo de material. Em outras palavras, trata-se de um tipo de documento ainda bastante desconhecido, do ponto de vista de sua constituição material, na maioria das instituições. Portanto, o desejo em perpetuar as imagens fotográficas nem sempre resulta em preservação do documento, sobretudo se não houver uma política voltada à preservação com recursos destinados especificamente a esse fim (MARCONDES, 2005, p. 02).

Historicamente, foram os americanos e canadenses que deram o pontapé inicial às reflexões no que concerne a questões de preservação e conservação de fotografias. Segundo Marcondes (2005, p. 11-12),

No Brasil, a tomada de consciência sobre a fragilidade dos materiais fotográficos e a importância da sua preservação só apareceram há cerca de vinte anos. A cada dia mais instituições preocupam-se em realizar um trabalho correto de conservação em seus acervos, acarretando um nível cada vez maior de qualidade e eficiência. Há, todavia, o inconveniente de não haver no Brasil uma formação institucionalizada na área de conservação e preservação de documentos.

Sabe-se que as fotografias impressas possuem um “tempo de vida”, por se tratar de um recurso que contém substâncias que podem se degradar com o tempo. Costa (2009, p. 25) define deterioração como sendo “o nome dado a toda e qualquer modificação química ou física que ocorrem nos objetos. No âmbito das espécies fotográficas, se entendem como deterioração as transformações, posteriores ao processamento”. Desta forma, existem diversos fatores que comprometem a estrutura das fotografias, no que concerne ao local e materiais de armazenamento, manuseio, agentes biológicos e fatores intrínsecos.

- **Áreas de armazenamento inadequadas:** essas áreas se referem ao ambiente ou local em que as fotografias são colocadas. Importante ressaltar que a umidade relativa (UR) esteja equilibrada, pois:

[...] umidades muito altas danificam a estrutura fotográfica, provocando inchamento e amolecimento de alguns aglutinantes. Fotografias à base de gelatina são particularmente susceptíveis ao inchamento e, quando amolecidas, podem aderir à qualquer superfície com que estejam em contato. [...] Em umidades muito baixas a camada aglutinante e o suporte podem ressecar, causando rachaduras, delaminação ou um estado quebradiço generalizado (KENNEDY; MUSTARDO, 2004, p. 19).

Igualmente, quanto à temperatura, Marcondes (2005, p. 8-9) explicita que “as reações químicas são aceleradas pelo aumento de temperatura. Logo, se os materiais fotográficos forem submetidos a altas temperaturas, sua reação de degradação também será acelerada”.

- **Materiais de acondicionamento de baixa qualidade:** referem-se a plásticos, caixas arquivo, entre outros que venham a comprometer o estado das fotografias;
- **Práticas de manuseio inapropriadas:** diz respeito ao fator humano, que geralmente é um dos mais agravantes, principalmente se não houver cuidado ou do contrário (cuidado excessivo). Alguns exemplos bastante práticos mencionados por Pavão (apud COSTA, 2009, p.27):

[...] impressões digitais (provenientes da manipulação da prova sem a utilização de luvas), manchas de gordura; aplicação de selos de correio e de carimbo; rasgos (dobras nos vértices entre outros); restos de elásticos e corrosão metálica (clipes de papel e grampos que dão origem à ferrugem) e abrasão (desgaste provocado por atrito).

- **Agentes biológicos:** referem-se aos agentes ambientais e do meio físico, tais como umidade, temperatura, poluente e outros, dependendo da forma de tratamento à fotografia. Os fungos, bactérias, insetos e roedores também estão inseridos nestes agentes.
- **Fatores intrínsecos:** estão ligados diretamente aos elementos que compõem os materiais da fotografia, como fibra, colagem, resíduos químicos, entre outros.

Quanto às estratégias de preservação de fotografias, na literatura há uma presença razoável referente a esse tema. Em se tratando de uso de componentes que evitasse a degradação, uma delas foi o uso do colódio, um dos componentes que constituem as fotografias impressas.

Para a prática da conservação fotográfica, o uso do colódio significou um avanço, uma vez que a imagem negativa já não se encontrava impregnada no suporte de papel, e sim sobre a película fina e transparente formada pelo colódio. Mas havia um fator de inconveniência no uso desse produto, o de ser utilizável apenas enquanto estivesse úmido (MARCONDES, 2005, p. 4).

No tocante ao acondicionamento, existem algumas medidas que podem ser utilizadas nas instituições de memória. Inicialmente, é fundamental que se faça um diagnóstico organizacional, pois é através dele que “identificam-se os materiais e processos fotográficos que compõem o acervo” (CUNHA; PEREZ, 2014, p. 50). Segundo Baruki e Coury (2004, p. 1) “o diagnóstico de um acervo fotográfico é realizado através de um levantamento do estado de conservação dos documentos, enumerando-se as características de deterioração nele encontradas”. Após isso, são apontadas as melhorias necessárias para a prática da preservação, ao qual visa a redução de gastos com problemas que poderão ocorrer

futuramente com o documento, de forma que o objeto (neste caso, a fotografia) permaneça em seu estado inicial. São eles:

- ✓ Utilização de poliéster transparente, quando houver controle de umidade;
- ✓ Evitar o uso de materiais que “exalam cheiro forte, tal como PVC” (MARCONDES, 2005, p. 08);
- ✓ Utilizar papéis com ph neutro e sem corantes.
- ✓ Sala climatizada, que protege da poluição e da luz, fatores influentes na degradação das imagens (MARCONDES, 2005, p. 09)

Todavia, por se tratar de um processo multidisciplinar, é passível que haja uma gama de saberes diferentes, mas é possível a realização de tais atividades. Para tanto, se faz necessário a presença de especialistas em fotografia, que conhece a fundo os componentes químicos da mesma, o profissional da informação para desempenhar as atividades relacionadas à gestão e organização dos documentos e uma equipe de suporte. Importante ressaltar que

A conservação deve ser mais que uma medida adotada isoladamente, deve ser uma atitude, da qual todos os funcionários do arquivo, e não apenas o conservador, devem ter consciência. A manipulação correta e o respeito pelo documento devem estar presentes nas atitudes de toda equipe, pois esse ato certamente irá garantir uma maior longevidade ao documento (MARCONDES, 2005, p. 09).

A preservação de fotografias digitais pode ser considerada uma alternativa de preservação da memória institucional que consiste na obtenção de cópias de segurança (MARCONDES, 2005, p. 06). Um exemplo prático para que as fotografias impressas tenham seu formato digital é a digitalização, como afirma Mustardo:

Imagens eletrônicas com o propósito de preservação implicam na captação de imagens fotográficas convencionais de tom contínuo para armazenamento ou exposição como imagens eletrônicas ou magnéticas. Uma vez digitalizadas, as imagens podem ser manipuladas, acessadas, impressas com maior rapidez e facilidade [...] (MUSTARDO, 2001, p. 19).

O registro de uma imagem digital, geralmente é feita a partir de três formatos principais. Esses formatos para imagens digitais são os mais usados por fotógrafos profissionais da área. São eles: o TIFF, o JPEG e o PSD.

- O **TIFF** (*Tagged Image File Format*) “é um formato de imagem de altíssima qualidade amplamente utilizado por profissionais da área de fotografia” (TRIGO, 1998, p. 204). Seu principal atributo é preservar totalmente a imagem sem perda de resolução ou tratamento fotográfico. Por não comprimir o tamanho da imagem, as mesmas carregam uma quantidade considerável de megabytes. Como por exemplo, uma simples fotografia de uma paisagem praiana pode chegar a um tamanho mínimo de 10MB, dependendo do equipamento fotográfico.
- O **JPG** (*Joint Photographic Experts Group*) é um formato que faz uma compressão na imagem a partir de algoritmos para reduzir o seu tamanho em megabytes causando perda da qualidade da fotografia. Uma desvantagem do formato é que a cada registro, alteração ou cópia da imagem nunca será a mesma da original, ou seja, vai perdendo sua quantidade de megabytes. O formato é benéfico porque tem uma ótima compatibilidade com variados dispositivos e equipamentos eletrônicos, “sendo também o mais utilizado e disseminado na internet” (TRIGO, 1998, p. 205).
- O **PSD** (*Photoshop Document*) é um formato de imagem próprio criado pela *Adobe* para o seu editor profissional de fotos chamado *Photoshop CS*. O formato não compacta as imagens e ainda salva atributos para a fotografia como detalhes técnicos, efeitos, camadas, máscaras e históricos de alterações feitas, podendo posteriormente ser alteradas ou no programa. O formato somente é compatível em seu software específico e alguns raros programas.

É importante ressaltar que a informação enquanto meio (independente do suporte disponível), assume uma variedade de pensamentos e significados no foco científico; ao mesmo tempo, é o elemento fundamental para o funcionamento da comunicação na sociedade, mais ainda no meio institucional, que possibilita a construção do saber em várias áreas. Não obstante, o documento surge com essa ideia, assim como possibilitar a associação do conhecimento na mente humana por meio das imagens, fundamentais para o compartilhamento das informações a outras pessoas, tornando a memória individual para o meio coletivo, no intuito de promover a construção do saber histórico a diversas gerações; nesse ínterim, a fotografia enquanto fonte de informação se faz presente como instrumento de prova (ou valor documental) referente a determinado acontecimento; porém, é necessário que ações preventivas e estratégicas sejam tomadas para que a memória seja disseminada e durável por longos tempos a fim de que as gerações futuras percebam que a história

institucional carrega uma infinidade de informações valiosas, pois é melhor preservar do que restaurar.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar as fotografias em sua dimensão informacional e em sua estrutura particular, os métodos escolhidos para a realização desta pesquisa estão constituídos por meio de pesquisa exploratória em literatura, como também a aplicação do método monográfico no acervo de fotografias da Agência de Comunicação (AGECOM), vinculada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, baseada em teorias científicas que relatem os aspectos de preservação das fotografias. Será também analisado se existe disseminação destes materiais para a comunidade universitária, servindo como fonte de informação para pesquisas científicas.

O método monográfico, conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 108) “consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações”. Este tipo de estudo consiste em analisar qualitativamente as fotografias em seu estado físico, dentro de critérios recomendados pela literatura.

Analisar as fotografias em dimensão informacional e em sua estrutura física requer muita cautela e precisão em avaliar tais documentos frente a teorias que subsidiem o tema de preservação e conservação destes materiais. Por se tratar de um estudo qualitativo e subjetivo, o público alcançado é o gestor da Agência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte quanto à preservação, conservação e disseminação na comunidade acadêmica, ao qual este possui vivências dentro da instituição, possibilitando uma visão geral do que acontece dentro dela.

A pesquisa, por ser de caráter exploratório (em campo), foi realizada no acervo fotográfico da Agência de Comunicação, situado no Campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, assim como a estratégia utilizada para a coleta dos dados aconteceu por meio de entrevista com o gestor da Agência de Comunicação da UFRN e observações vivenciadas no decorrer da trajetória discente enquanto bolsista nesta instituição.

Os dados coletados estão disponíveis em análise de imagens e descrição das observações no decorrer da pesquisa (tanto na observação como na entrevista), com foco na preservação, conservação e acesso ao conteúdo iconográfico. Também foi avaliado se há perspectivas futuras por parte do gestor concernentes aos critérios citados anteriormente, sugerindo medidas que possam ser aplicadas conforme a disponibilidade institucional.

3.1 Instituição Mantenedora: AGEKOM/UFRN

A Agência de Comunicação (AGEKOM) tem como principal finalidade comunicar as atividades e eventos institucionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Responsável pela produção e disseminação da informação na sociedade, a AGEKOM objetiva informar a comunidade questões relacionadas à diversidade do conhecimento, construção de novos saberes, inovação, tecnologia e atividades realizadas no âmbito da UFRN, ao qual é dividido em três plataformas: ensino, pesquisa e extensão. Criada em 1999, era chamada por Assessoria de Imprensa, que passou a integrar a Superintendência de Comunicação (COMUNICA) assim como a TV Universitária (TVU) e a Universitária FM (88,9) também fazem parte deste conjunto. Convém ressaltar que a AGEKOM é subordinada à Reitoria, localizada no Campus Central da UFRN.

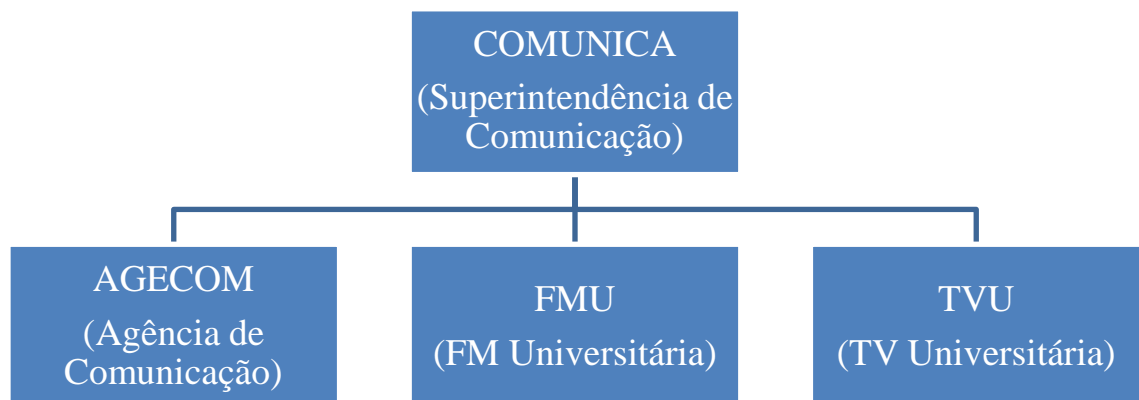


Figura 1 – Organograma Comunica

Fonte: Autoria própria

Desde que foi criada, a AGEKOM tem procurado acompanhar o crescimento e transformação que a universidade experimenta nos últimos anos, tendo como missão a mediação da informação em diversos setores e segmentos sociais com as comunidades interna e externa, com a perspectiva de contribuir junto à Universidade o acesso à informação ao público, dentre elas a prestação de contas e a transparência.

Um dos serviços prestados pela instituição é a disseminação da informação, ao qual acontece por meio das plataformas digitais, no intuito de seguir as tendências da chamada sociedade da informação, proporcionadas através da internet. São estes:

- Boletim Eletrônico UFRNotícias - Duas edições diárias
- Boletim Eletrônico Matéria Especial - Duas edições semanais
- Jornal da UFRN - Uma edição mensal (impressa e disponível eletronicamente)
- Twitter da UFRN
- Facebook da UFRN
- Página da UFRN (portal na internet)
- Web TV UFRN - AGEKOM
- Web Radio UFRN - AGEKOM
- BLOGs informativos de eventos periódicos e/ou sazonais.

Outros serviços institucionais é a articulação dos produtores de informação da UFRN com a imprensa em geral (e vice-versa), através de entrevistas coletivas, sugestão de pautas; organização dos noticiários eletrônico e impresso (através de hemeroteca); articulação entre as assessorias de imprensa de setores da Universidade e organização da memória noticiosa e fotojornalística da Instituição.

A AGEKOM funciona de segunda a sexta, das 7:00 às 12:00 e das 13:00 às 18:00, com um quadro de funcionários composto de uma diretoria representada na pessoa de Francisco Duarte Guimarães e Enoleide Farias, Vice-Diretora da instituição, **dez jornalistas, um agente administrativo, sete estagiários de Jornalismo e um estagiário de Biblioteconomia.** Nesta instituição existe um acervo fotográfico digital, disponível em todos os computadores da mesma e um acervo fotográfico impresso, alocados em um armário de madeira, ao qual será abordado posteriormente.

4 PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA E SUA DISSEMINAÇÃO PARA A COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA: O CASO DA AGECOM/UFRN

Para melhor compreensão dos conceitos explanados na fundamentação teórica, este capítulo apresenta os resultados referentes à pesquisa de campo investigativo, como também algumas observações vivenciadas no decorrer da trajetória discente enquanto bolsista na instituição, no intuito de promover reflexões e perspectivas futuras no tocante à preservação de fotografias, e de que forma este material pode ser disseminado no âmbito institucional.

Desde o momento em que a AGECOM foi incorporada à antiga Assessoria de Imprensa da UFRN, o acervo fotográfico passou a ser estruturado, considerado uma “herança” em que a Assessoria possuía, visto que sempre acontecia eventos no âmbito universitário. Desde então, a Agecom tenta “aprimorar as formas de construção e de preservação desse acervo de acordo com o surgimento das novas tecnologias”, segundo Enoleide Farias (no momento da entrevista), Vice-diretora do local. No entanto, são poucas as pessoas que têm conhecimento desta coleção memorável de fotografias.

No tocante ao conteúdo informacional das fotografias, é observada (durante a trajetória na instituição enquanto bolsista) em grande escala os seguintes detalhes: presença de pessoas referenciais, como Reitores, Professores, Ministros, entre outros; eventos de grande porte, como a criação da Maternidade Leide Moraes, Departamento de Odontologia e demais unidades no interior, as edições da CIENTEC e 2 edições da SBPC; é percebida também nas fotografias a informações referentes à criação do Campus Universitário desde a construção. Para a vice-diretora da Agecom, o acervo fotográfico é “referência para todos os setores da Instituição”, como também no sentido externo.



Figura 2 – Reitor Ótom Anselmo em 1999
Fonte: Autoria própria

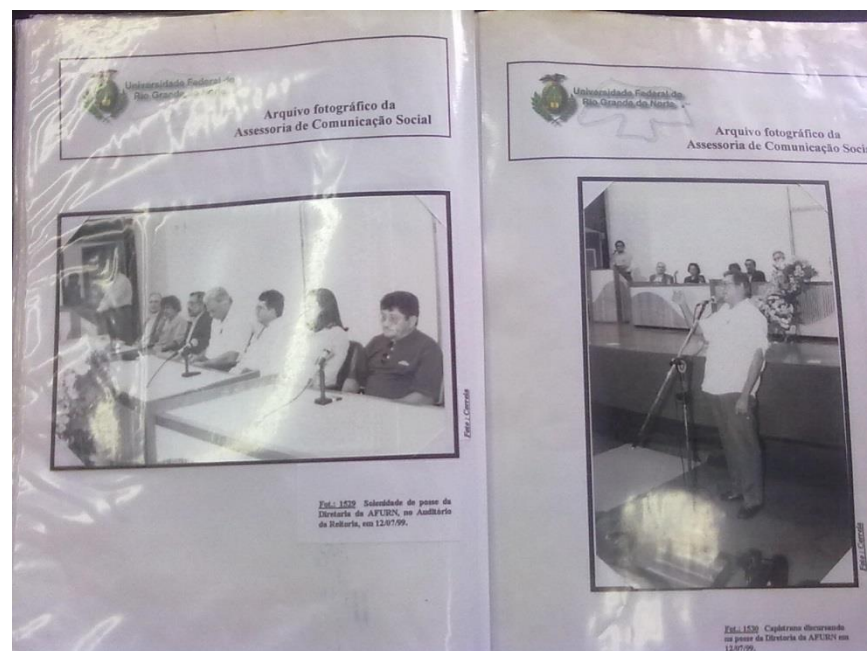


Figura 3 – Fotografias de eventos na UFRN
Fonte: Autoria própria

Em contrapartida, ao se tratar dos métodos de preservação e conservação dos materiais, não existe processo de higienização para o arquivamento das fotografias impressas, ao qual estas recebem um tratamento paliativo, bem como a conservação e preservação destes materiais não são notados. Também é inexistente a periodicidade de limpeza do acervo, fatores estes que, para a responsável (em exercício) não são considerados enquanto trabalho adequado. Durante a entrevista (segundo a responsável), a instituição sente a necessidade de um profissional da área de Biblioteconomia, Arquivologia ou Museologia, sem saber ao certo

qual será a área mais competente para as funções de recuperação da informação e conservação das fotografias dentro dos padrões. No momento, o acervo fotográfico no geral está sendo trabalhado através do bolsista da área de Biblioteconomia, ao qual está atuando no período da manhã.

No que tange ao armazenamento das fotografias impressas da AGEKOM, foram observadas na pesquisa de campo a diversidade sobre as formas de acondicionamento. Parte do material fica armazenada dentro de sacos plásticos guardados em pastas arquivos, outras em pastas plásticas e grande parte ficam misturadas, sem identificações de assunto ou período, soltas em sacos plásticos. As fotos estão em processo de digitalização, mas não existe nenhum processo de higienização antes da armazenagem nem antes da digitalização. As fotos armazenadas nas pastas plásticas são fixadas no papel sulfite através de pequenos cortes onde são introduzidas as pontas da imagem, sendo dispensável a colagem.



Figura 4 – Disposição armário aberto e fechado
Fonte: Autoria própria



Figura 5 – Fotografias em sacos plásticos
Fonte: Autoria própria



Figura 6 – Fotografias em pasta-arquivo
Fonte: Autoria própria

As pastas plásticas, apesar de serem dispostas no sentido horizontal, não possuem bibliocantos e o seu empilhamento dificulta a retirada de uma delas acarretando, dessa forma, o desabamento de todas. Também devido ao seu acondicionamento em um armário, não possui iluminação nem ventilação. O armário do acervo fotográfico impresso fica próximo a uma janela envidraçada sem proteção contra a radiação ultravioleta, ocasionando assim, uma temperatura oscilante provocada pelo abrir e fechar do armário.



Figura 7 – Disposição das pastas plásticas

Fonte: Autoria própria

Em termos gerais, quanto à preservação e conservação da memória imagética na AGECOM, é inexistente a presença de fungos e mofo, assim como também não há insetos apesar de não existir uma limpeza interna no armário.

No tocante a disseminação do acervo fotográfico, a responsável falou que a comunidade universitária (docentes, alunos e funcionários) pode ter acesso ao material para consulta. Todavia, não existe um controle adequado para esse tipo de serviço, assim como o profissional responsável para este trabalho é técnico-administrativo sem conhecimento específico. Durante a realização da pesquisa, foi detectado a falta de comunicação entre os funcionários quando se trata do acervo fotográfico impresso, tanto na preservação e conservação como na divulgação desse material; assim como não é discutido com frequência algum tipo de estratégia para melhoria na preservação da informação das imagens. No entanto, a responsável considera as fotografias um patrimônio documental de grande valia. Existe a perspectiva de disponibilizar o acervo para a comunidade não só para a comunidade universitária, mas também para o público externo apenas para fins de consulta. Quanto ao acervo fotográfico digital, existe a disseminação de algumas fotografias acompanhadas de matérias criadas na AGECOM. Uma delas está presente no Portal da UFRN, conforme figura abaixo.



Figura 8 – Portal da UFRN.

Fonte: <<http://www.ufrn.br/>>

Diante da necessidade de melhorar os aspectos de preservação e conservação em fotografias, seguem algumas medidas preventivas que possibilitem a duração dos materiais, com base em estudos aplicados segundo Pozzebon (2013, p. 13), compostos de atitudes preventivas.

- ✓ Evitar colocar um grande número e diferentes formatos de fotografias em pastas, envelopes ou caixas;
- ✓ Fixar as estantes metálicas, evitando o tombamento e o efeito dominó;
- ✓ Guardar as fotografias acondicionadas em envelopes de material neutro e armazenadas dentro de caixas, estas que por sua vez, deverão estar dentro de armários de aço;
- ✓ Evitar a utilização de pastas suspensas em arquivos de aço, pois as fotografias podem deslocar-se e ficarem prensadas entre as pastas e as hastes de sustentação;
- ✓ Não aplainar ou empilhar fotografias enroladas;
- ✓ Utilizar armários de aço, evitando assim oscilações de temperatura e UR (Umidade Relativa) e o contato com o pó.

Outro fator significativo para o tratamento dessas coleções diz respeito ao profissional competente para lidar com tais materiais, haja vista que por se tratar de um suporte informacional específico, necessita de cuidados diferenciados para que a memória institucional não se perca. Durante a realização da pesquisa, um fato que chamou a atenção foi o pensamento da vice-gestora (em exercício) frente a essa necessidade, que é a realização de um trabalho através de parceria com profissionais no âmbito da UFRN que possuam as competências para executar as atividades propostas, possibilitando que a digitalização das fotografias impressas seja continuada e demais atividades possam ser desenvolvidas.

Quanto à disseminação das coleções fotográficas, é proposto que seja criado e divulgado um acervo fotográfico em site institucional ou sistema, ambas tecnologias em rede, assim como as informações jornalísticas são disseminadas; ao qual este trabalho pode ser desenvolvido através das parcerias entre os setores na UFRN, a fim de que a recuperação da memória seja promovida e a informação esteja acessível para a comunidade universitária e aos usuários externos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A informação com os seus conceitos e finalidades é apresentada em diversos meios e suportes, o que não deixa de ter os objetivos principais: dar aos documentos o seu devido sentido e proporcionar ao homem a redução de incertezas em determinado contexto, fatores estes em que a informação precisa ser tratada, organizada e disseminada na sociedade, haja vista que no mundo atual a comunicação é constante e diversificada em seus meios. Uma forma que possibilita a interação humana na sociedade é a descoberta da informação em documentos, que traz dentro de si uma gama de saberes referentes a algum acontecimento, servindo de evidência para as próximas gerações.

Neste sentido, a memória se faz necessária para a construção do saber humano, principalmente no fator histórico, a partir do momento em que o conhecimento registrado na mente humana passa do nível individual para o meio coletivo, resultando em ações que possibilitem a construção da memória coletiva, dentre elas, a criação das instituições de memória, que organizam, tratam e disseminam informação para a sociedade, no intuito de tornar possível a materialização do conhecimento humano e a transferência da informação a todos os segmentos da sociedade, dentre elas, o institucional, ao conter fontes que registram uma série de acontecimentos.

Portanto, a fotografia como fonte de informação é considerado um meio de expressão das artes, das emoções humanas, assim como o registro de acontecimentos em certo tempo. Caracterizado como elemento que facilita o processamento das ideias e conhecimentos na mente humana, é notável que este suporte passou por diversas transformações, com o surgimento e evolução das tecnologias, no intuito de ser aperfeiçoado e melhor trabalhado. No contexto institucional, a fotografia registra informações de grande valia na construção do patrimônio documental, fatos memoráveis e demais fatores significantes no meio local.

Diante deste contexto, para que a memória seja perpetuada, algumas ações são fundamentais, neste caso em específico, a importância da preservação e conservação de materiais fotográficos, a fim de que a degradação desses materiais seja retardada. Em contrapartida, por se tratar de métodos específicos, é normal que em instituições públicas existam dificuldades para a promoção de tais atividades, porém não deixa de ser possível, visto que no âmbito universitário a interdisciplinaridade se faz presente. Contudo, ao se tratar do acesso à informação em coleções fotográficas institucionais, tais coleções nem sempre são

divulgadas, o que traz preocupações quando existe a necessidade por parte de alguém, assim como este não tenha conhecimento de que o acervo fotográfico existe.

Frente a essa realidade, os objetivos da pesquisa concernente aos estudos dos métodos de preservação, conservação e disseminação dos materiais iconográficos da AGEKOM foram alcançados além do esperado, assim como os resultados obtidos através da metodologia utilizada proporcionaram maior compreensão do ambiente institucional, ao qual necessita de um trabalho árduo e intenso referente ao estabelecimento de parcerias entre as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Comunicação para o tratamento adequado nas coleções fotográficas, assim como promover a disseminação da informação no âmbito universitário, a fim de que a memória seja eternizada em seus suportes, meios de comunicação e disseminada ao público sem restrições.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Lúcia de. **Acondicionamento e guarda de acervos fotográficos**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1999. Disponível em: <<http://consorcio.bn.br/consorcio/manuais/manualacondicionamento/manual1.pdf>>. Acesso em: 30 Ago. 2013.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. **Fundamentos da ciência da informação: correntes teóricas e o conceito da ciência da informação. Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v.4, n.1, p.57-79, Jan./Jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/19120/10827>>. Acesso em: 15 Set. 2014.
- BARUKI, Sandra; COURY, Nazareth. **Treinamento em conservação fotográfica: a orientação do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte**. In: Cadernos técnicos de conservação fotográfica (Organização do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte). Rio de Janeiro: Funarte, 2004, v. 1, p. 1-7. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/preservacaofotografica/wp-content/uploads/2010/11/cad1_port.pdf>. Acesso em: 11 Out. 2013.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 318 p.
- BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <<http://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND%281991%29-informationasthing.pdf>>. Acesso em: 15 Ago. 2014.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **O conceito de informação. Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 12, n. 1, p. 148-207, Jan./Abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 14 Ago. 2014.
- COSTA, Bianca Mandarin da. **Conservação e preservação de fotografias albuminadas. Monografia** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Escola de Museologia. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/MONOGRAFIA_Bianca_Mandarino.pdf>. Acesso em: 30 Ago. 2012. 89 p.
- CUNHA, Catherine da Silva; PEREZ, Carlos Blaya. **Preservação digital de fotografias. Informação e sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 24, n. 2, p. 49-55, Maio/Ago. 2014. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/16224/11490>>. Acesso em: 21 Nov. 2014.
- DELTCI. **Dicionário Eletrônico de Terminologia em Ciência da Informação**. Disponível em: <<http://www.ccje.ufes.br/arquivologia/deltci/>>. Acesso em: 21 Nov. 2014.
- EGGERT-STEINDEL, Gisela et al. **Imagens/memórias da Biblioteca Pública de Santa Catarina: uma leitura da memória volátil fixada pela fotografia (1980-2011). Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n. 4. 2013. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1656/1212>>. Acesso em: 26 Mar. 2014.

FILIPPI, Patrícia; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como Tratar Coleções de Fotografias**. 2. ed. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saesp/texto_pdf_13_Como%20tratar%20colecões%20de%20fotografias.pdf>. Acesso em: 21 Out. 2013.

FLUSSÉM, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: HUCITEC, 1985. Disponível em: <http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vil%C3%A9m_Flusser__Filosofia_da_Caixa_Preta.pdf>. Acesso em: 02 Jun. 2014.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 263 p. (Coleção Aprender)

FROHMANN, Bernd. **O caráter social, material e público da informação**. In: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (Org.). A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 19-34.

GOMES, Neide Aparecida. **O ensino de conservação, preservação e restauração de acervos documentais no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. 100 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 222 p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2009.

KENNEDY, Nora; MUSTARDO, Peter. **Preservação de fotografias: métodos básicos para salvaguardar suas coleções**. In: Cadernos técnicos de conservação fotográfica (Organização do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte). Rio de Janeiro: Funarte, 2004, v. 2, p. 17-27. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/preservacaofotografica/wpcontent/uploads/2010/11/cad2_port.pdf>. Acesso em: 11 Out. 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 163p.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004. 124 p.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2013. 499 p.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Imagem e memória. Resgate**, Campinas, n. 8, p. 9-16, 1998. Disponível em:

<<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/108/113>>. Acesso em: 21 Out. 2014.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Leitura e interpretação em biblioteconomia**. São Paulo: UNICAMP, 2000. 91 p.

MAGUETA, Rita de Cássia de Matos. **Diagnóstico de conservação fotográfica: uma abordagem arquivística**. In: Encontro Estadual de História, 11. 2012. Rio Grande do Sul. p. 932 – 945. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346114377_ARQUIVO_Artigosubmetido.pdf>. Acesso em: 11 Out. 2013.

MARCONDES, Marli. **Conservação e preservação de coleções fotográficas. Histórica**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-13, Abr. 2005. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/historica/edicoes_anteriores/pdfs/historica01.pdf>. Acesso em: 30 Ago. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MOSCIARO, Clara. **Diagnóstico de conservação em coleções fotográficas**. Disponível em: <<http://www.ihggi.org.br/downloads/Cadernos-tecnicos-de-conservacao-fotografica-vol-6.pdf>>. Acesso em: 11 Out. 2013.

PÉNICHON, Sylvie; JÜRGENS, Martin; MURRAY, Alison. **Práticas de montagem de fotografias contemporâneas**. In: Cadernos técnicos de conservação fotográfica, Vol. 7. Rio de Janeiro: Funarte, 2011. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/preservacaofotografica/wp-content/uploads/2012/02/Cadernos_Tecnicos_7.pdf>. Acesso em: 11 Out. 2013.

PIMENTA, Ricardo M. **O futuro do passado: desafios entre a informação e a memória na sociedade digital**. In: ALBAGLI, S. (org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. p. 146-171. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1020/8/Fronteiras%20da%20Ciencia%20da%20Informacao.pdf>>. Acesso em: 15 Set. 2014.

POZZEBON, Flávia. **Manual de Preservação Fotográfica**. Rio Grande do Sul: CENTRO DE PESQUISAS GENEALÓGICAS (Nova Palma). 2013. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/ppgppc/images/Anexodissertacaopozzebon.pdf>>. Acesso em: 11 Out. 2013.

RIBEIRO, Fernanda. **O acesso à informação nos arquivos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003. 2v. (Textos universitários de ciências sociais e humanas)

SARACEVIC, Tefko. **Information Science. Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999. Disponível em: <<https://comminfo.rutgers.edu/~tefko/JASIS1999.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2014.

SARMENTO, Adriana Godoy da Silveira. **Preservar para não restaurar**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INFORMAÇÃO E ÉTICA, 2003, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2003.

SHANNON, Claude Elwood. **A Mathematical Theory of Communication**. **The Bell System Technical Journal**, v. 27. 1948. Disponível em: <<http://plan9.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf>>. Acesso em: 20 Nov. 2014.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico**. Porto: Afrontamento, 2006. 176 p.

SMIT, Johanna W; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. **Sistemas de recuperação de informação e memória**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7, 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: UNESP, 2006. p. 1-11. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/sistemas/enancib/viewpaper.php?id=264>>. Acesso em: 12 Nov. 2014.

SPINELLI, Jayme. **Manual técnico de preservação e conservação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. 45 p.

SPINELLI, Jayme; PEDERSOLI JR, José Luiz. **Biblioteca nacional: plano de gerenciamento de riscos: salvaguarda e emergência**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. 99 p.

TEIXEIRA, Lia Canola. GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação preventiva de acervos**. In: Coleção Estudos Museológicos. Vol. 1. Florianópolis: FCC, 2012. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN_151904Conservacao_Preventiva_1.pdf>. Acesso em: 11 Out. 2013.

TRIGO, Thales. **Equipamento fotográfico: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Senac, 1998. 243 p.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Portal da UFRN**. Disponível em: <www.ufrn.br/>. Acesso em: 20 Nov. 2014.

YUNES, Virginia M; MAXIMO, Eduardo Z; GONÇALVES, Cibelly L. **Registrando a Memória Fotográfica da cidade de Criciúma – SC**. Disponível em: <<http://www.virginiayunes.com.br/pdfs/PIC%20IV%20-%20Projeto%2062.pdf>>. Acesso em: 11 Out. 2013.

ANEXOS

ANEXO 1
ENTREVISTA

1. Como surgiu a ideia do acervo fotográfico?
2. As informações contidas nas fotografias deste acervo são consideradas fundamentais para a construção da memória na universidade?
3. Antes de serem arquivadas, as fotos passam por algum tratamento de higienização?
4. Como se dá o processo de conservação do acervo?
5. Qual a periodicidade da limpeza do acervo fotográfico?
6. As pessoas que organizam esse acervo possuem algum tipo de treinamento para essa função?
7. Quais os materiais utilizados na forma de armazenagem dessas fotos?
8. Esse material fotográfico é disponibilizado para usuários externos (professores, alunos, funcionários)? Se não, por quê?
9. Existe a perspectiva de disponibilizar estes materiais à comunidade universitária?

ANEXO 2

FOTOS - DIREÇÃO DA AGECOM/UFRN

Cedidas pelo acervo fotográfico da instituição



Diretor da Agecom – Prof. Francisco Duarte Guimarães. Fotógrafa: Anastácia Vaz



Vice-Diretora da Agecom – Enoleide Farias. Fotógrafa: Anastácia Vaz